

## 2

### Verdade e ética: fundamentação da questão

Nosso trabalho diz respeito ao conceito de verdade em Heidegger e às consequências desse conceito de verdade para uma reflexão a respeito da ética. Em nosso caminho, dois problemas se apresentam logo de início: em primeiro lugar, Heidegger não escreveu uma ética, e, em vários momentos, fez mesmo duras críticas à idéia de uma ética; em segundo lugar, de acordo com o pensamento tradicional, a verdade pertenceria ao âmbito da lógica e não ao da ética. Nosso trabalho não pode senão começar dando conta destas duas grandes objeções que primeiramente se apresentam, para assim fundamentar a nossa questão, a saber, a questão da relação entre ética e verdade, assegurando sua possibilidade e pertinência.

No que diz respeito ao primeiro problema, o das críticas feitas por Heidegger à noção de ética, acreditamos ser possível perceber nessas críticas algo além da simples recusa e do simples descarte de uma disciplina da filosofia. Na “Carta sobre o Humanismo”, ao comentar uma sentença de Heráclito, Heidegger diz o seguinte acerca da ética:

A ‘ética’ surge junto com a ‘lógica’ e a ‘física’, pela primeira vez, na escola de Platão. As disciplinas surgem ao tempo que permite a transformação do pensar em ‘filosofia’, a filosofia em epistémé (ciência) e a ciência mesma em um assunto de escola e de atividade escolar. Na passagem por esta filosofia, assim entendida, surge a ciência e passa o pensar. Os pensadores dessa época não conhecem nem uma ‘lógica’, nem uma ‘ética’, nem uma ‘física’. E contudo seu pensar não é ilógico e nem imoral. A ‘physis’ era, porém, pensada por eles, numa profundidade e amplitude, que toda ‘física’ posterior nunca mais foi capaz de alcançar. As tragédias de Sófocles ocultam – permita-se-me uma tal comparação -, em seu dizer, o êthos, de modo mais originário que as preleções de Aristóteles sobre a ‘ética’.<sup>13</sup>

Heidegger está falando aqui de Heráclito, um dos pensadores que chamamos “pré-socráticos”<sup>14</sup>. É na direção deste momento da história da filosofia que Heidegger nos orienta. No período pré-socrático, o pensamento ainda não estava dividido em disciplinas, não cabia à lógica o estudo do *lógos*, à física o

<sup>13</sup> HEIDEGGER, Martin. Sobre o Humanismo in: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973. (Col. Os pensadores). P. 368.

<sup>14</sup> Título que Heidegger por muitas vezes chega a condenar.

estudo da *physis* e à ética o estudo do *êthos*, diferenciação que, como Heidegger diz na passagem acima, só surgiu com a escola de Platão. Heidegger condena esse movimento na direção da disciplinarização da filosofia e nos diz que ali onde surge a ciência passa o pensar. Quando ainda não havia a separação, ele nos diz, a *physis* era pensada com uma profundidade e uma amplitude jamais novamente alcançadas, e a comparação traçada entre Sófocles e Aristóteles nos diz o mesmo acerca do *êthos*. Sem lógica, o pensamento não era ilógico, e sem ética, o pensamento não era imoral, ao contrário, o que ele nos diz é que ali, nos pré-socráticos, e somente ali, o pensamento de fato meditou o *êthos* e o *lógos* em toda sua amplitude. O que Heidegger busca nos dizer é que estes três conceitos não podem nunca ser adequadamente pensados em separado. Heidegger aponta, então, no sentido de uma ética originária, em detrimento da ética no sentido tradicional do termo. A ética originária não é ética porque ela não é a disciplina que busca pensar o *êthos* separado da *physis* e do *lógos*. O que devemos apreender do que Heidegger nos diz é que nosso dever é pensar a ética originariamente, e não como uma disciplina ao lado das outras. O problema de Heidegger com a noção de ética é que ela implica a meditação do *êthos* dentro dos grilhões de uma disciplina.

Em outro texto célebre, onde analisa profundamente o fragmento de outro pré-socrático, Anaximandro<sup>15</sup>, Heidegger ataca o entendimento tradicional segundo o qual Anaximandro, um pensador da *physis*, estaria pensando as coisas da natureza. Heidegger interpreta esta passagem como dizendo respeito ao todo do ente. No momento em que fala Anaximandro, não havia ainda a divisão das disciplinas, que viria a caracterizar a filosofia posteriormente, daí que, falando da *physis*, Anaximandro fale de justiça e injustiça, algo que seria da esfera da moral, dos costumes, do *êthos*. Essa sentença, diz Heidegger, só pode ser entendida pela “estrutura própria, mantida longe de qualquer incorporação dentro de uma disciplina”<sup>16</sup> que rege este momento do pensar.

Heidegger diz ainda: "se, portanto, de acordo com a significação fundamental da palavra *êthos*, o nome Ética diz que medita a habitação do homem, então aquele pensar que pensa a verdade do ser como o elemento

<sup>15</sup> A chamada sentença de Anaximandro, que diz: “Pois donde a geração é para os seres, é para onde também a corrupção se gera segundo o necessário; pois concedem eles mesmos justiça e deferência uns aos outros pela injustiça, segundo a ordenação do tempo” (*Pré-Socráticos*. São Paulo: Ed. Nova Cultural. (Col. Os pensadores ), P.16.).

<sup>16</sup> HEIDEGGER, Martin. La parole d’Anaximandre in: *Chemins que ne mènent nulle part*. Trad, Wolfgang Brokmeier. Paris: Ed. Gallimard, 1962. P. 399.

primordial do homem enquanto alguém que *ec-siste* já é em si a ética originária"<sup>17</sup>. O pensamento que pensa a verdade do ser é em si ética originária e não “ética”. Aparece então já formulada em Heidegger a intrínseca ligação entre a verdade do ser e o *êthos*, e ela aparece como pensamento da ética originária. Com isso acreditamos estar afastada a objeção principal à aproximação entre verdade e ética: a objeção que se funda no argumento de que tais noções pertenceriam a campos distintos da filosofia. Ao mesmo tempo, estabelecemos que há meditação acerca da ética originária ali onde Heidegger pensa o seu conceito de verdade, a verdade do ser. Poderíamos mesmo dizer que o pensamento da verdade do ser é um pensamento ético, como Heidegger entende o termo. A proximidade entre *êthos* e verdade do ser se mostra decisiva em Heidegger. É dessa proximidade que nosso trabalho vai tratar.

Podemos adiantar que uma de nossas hipóteses de trabalho é que já em *Ser e Tempo* a verdade é pensada em termos éticos, ou seja, em termos do habitar. Assim, quando Heidegger define a verdade como abertura podemos pensar que o Dasein habita a verdade. O Dasein como ser-no-mundo, como ser nesse desvelado, nesse aberto, é um ente que habita a verdade. A verdade é, então, já sem *Ser e Tempo*, pensada em termos éticos. A relação do Dasein com a verdade é habitação. É nestes termos que pretendemos compreender Heidegger quando ele nos diz que a ciência é uma forma de comportamento no mundo. Pensando a ciência assim, Heidegger a retira totalmente de uma discussão epistemológica. Acreditamos mesmo poder ver aqui as raízes do pensamento heideggeriano, mais tardio, acerca da técnica. Essas são, no entanto, apenas hipóteses a serem profundamente exploradas durante nossa investigação, e não podemos senão nos limitar, no presente trabalho, a apontá-las.

Ainda nos é necessário, no entanto, mais um passo. No que diz respeito ao problemático pertencimento do conceito tradicional de verdade ao âmbito da lógica, e não da ética, explicitamos a impertinência de uma tal divisão da filosofia em disciplinas para o trabalho que aqui pretendemos empreender. Após uma tal argumentação negativa, no entanto, ainda é necessário mostrar de que maneira Heidegger retirou o pensamento da verdade da esfera da lógica e o colocou na

<sup>17</sup> HEIDEGGER, Martin. Sobre o Humanismo **in**: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973. (Col. Os pensadores). Pág. 369.

esfera da ética. Dito de maneira clara, ainda precisamos demarcar no pensamento heideggeriano da verdade do ser o seu traço ético.

Tradicionalmente, a verdade é pensada como pertencendo ao âmbito da lógica, e como residindo na proposição. Assim, a verdade seria a concordância, a adequação, da proposição com a coisa. É buscando pensar essencialmente a concordância que Heidegger vai chegar a construir um conceito próprio de verdade. O texto fundamental para nós neste sentido é *Sobre a essência da verdade*. Neste texto, Heidegger não nega a concordância, mas procede no sentido de explicitar que existe algo que lhe é mais fundamental, e que possibilita que a concordância se dê. Heidegger nos diz que “a proposição é investida de sua correção pelo comportar-se (Verhalten); pois apenas através deste pode o que está aberto tornar-se a medida (Richtmaß) para a correspondência apresentadora”<sup>18</sup>, e ainda diz mesmo que “a relação da proposição apresentada com a coisa é a realização desse comportamento (Verhältnis) que originalmente e a cada vez vem a prevalecer no comportar-se (Verhalten).”<sup>19</sup> É através do comportamento que a proposição pode tomar a medida do que está aberto; é este comportamento que pode tornar o aberto uma medida, e é através do comportar-se do Dasein que essa relação se realiza. A medida deve sempre primeiro ser do comportar-se, que de sua parte “tem que tomar uma medida previamente dada para todo apresentar”<sup>20</sup>, para que depois ela possa ser da proposição. Heidegger então diz, acerca do comportamento, que “o que primeiro possibilita a correção, com direito original deve ser tomado como a essência da verdade”<sup>21</sup>. Com direito original aqui diz que a origem da verdade da proposição está no comportamento.

No entanto, este comportamento ainda deve, como já mencionamos, tomar uma medida previamente dada para todo apresentar. Ao manter-se aberto do comportamento pertence a possibilidade de tomar a medida previamente dada que permite, por sua vez, a ligação da proposição com o aberto, ou seja, que permite a correção da proposição. Mas como pode então o comportamento ter essa possibilidade? Heidegger então diz que “o libertar-se para uma diretiva (Richte)

<sup>18</sup> HEIDEGGER, Martin. *Vom Wesen der Wahrheit*. Frankfurt am Main: Ed. Vittorio Klosterman, 1967. P.12. Todas as traduções feitas por nós a partir do original alemão e da ajuda das traduções brasileira e inglesa (HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da verdade in: Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973. (Col. Os pensadores). E HEIDEGGER, Martin. *On the essence of truth in: Basic writings*. London: Ed. Routledge, 2002).

<sup>19</sup> Id.

<sup>20</sup> Id.

<sup>21</sup> Id.

vinculadora só é possível como um ser livre para o manifesto no aberto”<sup>22</sup>. Introduce-se então um segundo termo que funda a própria possibilidade da verdade como ela se dá na proposição: a liberdade. A diretiva vinculadora é a *bindende Richte*, e a medida previamente dada é a *Vorhabe Richtmaß*. O radical *richt* vai dar aqui tanto o significado de direcionamento quanto de correção. A diretiva vinculadora é a medida previamente dada quando tomada pelo Dasein, ou seja, o Dasein faz da medida previamente dada uma diretiva vinculadora. Somente uma diretiva pode vincular, fazendo a ligação entre a proposição e a coisa que, tradicionalmente, permanecia impensada. Repetindo o mesmo movimento da passagem da correção para o comportamento, baseado no que foi chamado de direito de originariedade, Heidegger vai dizer que como “o manter-se aberto do comportar-se como possibilidade interna da correção é fundado na liberdade”<sup>23</sup>, então “a essência da verdade é a liberdade”<sup>24</sup>.

A liberdade, nos diz Heidegger, é o deixar ser dos entes; ela é “a condição de possibilidade da manifestação do ser dos entes, da compreensão do ser”<sup>25</sup>. A verdade, por sua vez, é o desvelar do ente tal como ele é. Heidegger nos diz que a verdade “se revela como liberdade”<sup>26</sup>, e que esta liberdade “é o *ec-sistente*, desvelador de deixar ser dos entes”<sup>27</sup>. Mas o que garante, em última instância, essa liberdade de deixar ou não que o ente seja tal como ele é? O fato de que em todo desvelamento algo se vela: “O desvelamento do ente como tal é em si igualmente o velamento do ente como um todo”<sup>28</sup>. Permanecendo o velado permanece também o mistério e a errância. É porque há o velado que o desvelado é possível; é justamente aí que reside a liberdade. Uma verdade que fosse toda, que desvelasse o todo do ente, eliminaria toda e qualquer possibilidade de liberdade para o Dasein. Numa verdade toda, o Dasein não mais estaria implicado no desvelamento. O Dasein constantemente desvela e vela, pois em todo desvelamento sempre há algo que se vela, num mesmo e único movimento.

---

<sup>22</sup> Id. P.13.

<sup>23</sup> Id.

<sup>24</sup> Id.

<sup>25</sup> HEIDEGGER, Martin. *De l'essence de la liberté humaine*. Trad. Emmanuel Martineau. Paris: Ed. Gallimard, 1987. P. 277.

<sup>26</sup> HEIDEGGER, Martin. *Vom Wesen der Wahrheit*. Frankfurt am Main: Ed. Vittorio Klosterman, 1967. P. 19.

<sup>27</sup> Id.

<sup>28</sup> Id. P.25.

É importante ressaltar que, no movimento que acabamos de expor, Heidegger, ao investigar a essência da verdade, traz para o centro de sua investigação dois conceitos fundamentais que são, tradicionalmente, pensados no âmbito da ética: comportamento e liberdade. É neste movimento que a verdade é retirada do âmbito da lógica, movimento que não faz senão seguir a investigação, perseguindo o que nós vimos Heidegger chamar de direito de originalidade, ao se fundar a possibilidade mesma da correção da proposição no comportamento e, depois, na liberdade. Heidegger não cria com isto uma Ética, pois assim ele teria separado seu pensamento nas mesmas disciplinas que ele tanto criticou. Ele não faz a separação, preferindo, ao invés, mostrar-nos que uma tal separação não é possível. É seguindo a investigação da possibilidade interna da correção da proposição, um assunto que tradicionalmente é do âmbito da Lógica, que ele chega ao comportamento e à liberdade, que seriam tradicionalmente compreendidos como pertencendo ao campo da Ética. Não se trata de mostrar que a Lógica se funda na Ética, mas sim de mostrar que a separação é impossível uma vez que se tente pensar a partir da origem.

Essa articulação entre verdade e ética não é, no entanto, nova no pensamento ocidental. Podemos mesmo supor que é seguindo a trilha desta articulação que Heidegger veio a formular o seu próprio conceito de verdade. Se analisarmos o período em que Heidegger constrói seu conceito de verdade, percebemos algumas importantes conexões. Durante o semestre de inverno de 1931 até 1932, Heidegger pronunciou, em Freiburg, seu curso intitulado “Da essência da verdade: uma aproximação da “Alegoria da caverna” e do “Teeteto” de Platão”<sup>29</sup>, que só foi publicado em 1988<sup>30</sup>. Mais tarde, esse curso daria origem ao texto “A doutrina de Platão sobre a verdade”<sup>31</sup> escrito em 1940 e publicado em 1942. Na nota do autor sobre este texto podemos ler: “Este estudo foi apresentado em princípio em duas conferências públicas, durante os semestres de inverno de 1930-1931 e 1933-1934”<sup>32</sup>. O texto que abordamos anteriormente, “Sobre a

<sup>29</sup> HEIDEGGER, Martin. *De l'essence de la vérité: Approche de l'“allégorie de la caverne” e du “Théétète” de Platon*. Trad. Alain Boutot. Paris: Ed. Gallimard. 2001.

<sup>30</sup> Todas as datas de publicação citadas daqui em diante, no corpo do texto, se referem à primeira publicação alemã dos textos.

<sup>31</sup> HEIDEGGER, Martin. La doctrine de Platon sur la vérité in: *Questions I e II*. Trad. Jean Beaufret et al. Paris: Ed. Gallimard, 2001.

<sup>32</sup> Id. Pág. 425.

essência da verdade”<sup>33</sup>, vai ser publicado em 1943, e nele já encontramos a seguinte nota: “Encerra o texto, diversas vezes revisto, de uma conferência pública que, sobre o mesmo título, foi repetidas vezes proferida, desde 1930”<sup>34</sup>.

Podemos perceber imediatamente a contemporaneidade destas investigações de Heidegger. Esta é já uma pista no sentido da importância da discussão com o pensamento de Platão para a formação do conceito de verdade heideggeriano. Vale ressaltar que, em Platão, a questão da verdade já se encontra vinculada à questão da ética. A busca da verdade em Platão está intrinsecamente ligada à idéia do Bem e à possibilidade de constituir um saber a respeito dessa idéia. É assim que, ao analisar o terceiro estágio da alegoria da caverna, Heidegger nos diz que este estágio seria o da ascensão do homem ao mundo das idéias, em oposição à vida cotidiana, representada pelo interior da caverna. O sol simbolizaria a idéia suprema, a idéia do Bem. Sobre a idéia do Bem, Platão, logo ao fim da alegoria da caverna, nos diz:

“no limite da região do cognoscível está a idéia do bem, dificilmente perceptível, mas que, uma vez apreendida, impõem-nos de pronto a conclusão de que é a causa de tudo o que é belo e direito, a geratriz, no mundo visível, da luz e do senhor da luz, como no mundo inteligível é dominadora, fonte imediata da verdade e da inteligência, que precisará ser contemplada por quem quiser agir com sabedoria, tanto na vida pública como na particular”<sup>35</sup>.

Não é senão com a possibilidade desse olhar, de se agir de acordo com a idéia do Bem, que se abre o campo do ético, no sentido que se tornou depois tradicional. No entanto, a idéia do Bem aparece na alegoria da caverna, segundo a interpretação de Heidegger, juntamente com uma transformação no conceito de verdade. A verdade que antes era *Alétheia* se torna então concordância, *orthótes*, devido à preeminência que é conferida à idéia, como o que “tem mais ser”<sup>36</sup>, e conseqüentemente da Idéia do Bem como idéia suprema: “Passar de um estado ao outro é ver de maneira mais exata. Tudo é subordinado à *orthótes*”<sup>37</sup>, o que vem

<sup>33</sup> HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência da verdade in: *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973. (Col. Os pensadores).

<sup>34</sup> Id. Pág. 325.

<sup>35</sup> PLATÃO. *A república*. Trad. Benedito Nunes. Ed. UFPA, 2000. P. 323.

<sup>36</sup> HEIDEGGER, Martin. La doctrine de Platon sur la vérité. Pág. 459. Na edição brasileira da obra de Platão o trecho foi traduzido como “mais real” (PLATÃO. *A república*. Trad. Benedito Nunes. Ed. UFPA, 2000. P. 320). Trata-se da questão da correção.

<sup>37</sup> Id.

em oposição ao que Heidegger prefere dar ênfase, ou seja, ao conceito de *Alétheia*. Heidegger nos diz que “as diferenças entre os estágios, assim como os graus que marcam as passagens, são fundadas sobre uma diversidade que é aquela da *Alethes* que faz a cada vez autoridade, aquela do modo de ‘verdade’ que é a cada vez dominante”<sup>38</sup>, e em outro momento ainda ele nos diz, numa observação geral sobre a alegoria, que “isso que é essencial aqui, são as passagens de um lugar ao outro”<sup>39</sup>.

Há, então, como nos mostra Heidegger, uma ambigüidade no conceito de verdade dentro da alegoria da caverna, entre a *Alétheia*, desvelamento, como isso que a cada vez é desvelado, e *orthótes*, a correção, a exatidão. Nesse momento, nos diz Heidegger, é a *ortóthes* que se torna o caminho do pensamento da verdade. Segundo Heidegger, “Platão trata e fala da *Alétheia*, enquanto que ele pensa a *orthótes* e a coloca como decisiva, e isso num só mesmo caminho do pensamento”<sup>40</sup>. Heidegger nos diz que “a verdade se torna a *orthótes*, a exatidão da percepção e da linguagem”<sup>41</sup>. Esta exatidão tem sua possibilidade na Idéia do Bem, e é ela que vai imperar mesmo em Platão, juntamente com o esquecimento da verdade como *alétheia*.

Heidegger vai basear seu conceito de verdade nessa compreensão da *alétheia* grega, descoberta em sua análise da alegoria da caverna de Platão. Mas fundar o seu pensamento nesse conceito implica na destruição do que ele mesmo chama de um dos pilares do pensamento platônico: a Idéia do Bem. Platão pretendia um saber a respeito do bem, um saber que guiasse o homem em suas ações. Esse saber, no entanto, é possível apenas através da mudança no conceito de verdade, ou seja, se pensarmos a verdade como *orthótes*. Heidegger vai mostrar que essa transição não é absolutamente um simples erro, mas nos remete à própria essência da verdade como pensada por toda metafísica: “A essência da verdade, uma vez caracterizada como a exatidão da representação que se enuncia, essa definição da verdade se torna determinante para a filosofia ocidental inteira”<sup>42</sup>. Neste momento, “a verdade não é mais, como não-velamento, o traço fundamental do ser ele mesmo; mas se torna exatidão em razão de sua servidão à Idéia, ela é

<sup>38</sup> Id. P. 444.

<sup>39</sup> Id. P. 451.

<sup>40</sup> Id. P. 460.

<sup>41</sup> Id. P. 459.

<sup>42</sup> Id. P. 462.

então o traço distintivo do conhecimento do ente”<sup>43</sup>. Como vimos anteriormente, o esforço de Heidegger vai exatamente no sentido de mostrar que a verdade como concordância, como correção, a verdade da proposição e da lógica, que esta verdade não é absolutamente a verdade mais originária. O pensamento de Heidegger pretende voltar à origem da verdade esquecida pela metafísica, que sempre pensou a verdade como *orthótes*.

Talvez a maior diferença entre o conceito de verdade em Heidegger e a maneira como ele o lê em Platão possa ser encontrada na maneira como Heidegger lida com o velado. Em Platão, noz diz ele, “o esforço próprio do pensamento visa essa aparição da evidência, que é acordada na claridade de uma luminosidade”<sup>44</sup>. Aqui, vemos uma verdade como o simples não-velado, como o desvelado em sua evidência<sup>45</sup>. Ao colocar a essência da verdade no comportamento, e em seguida como liberdade, e ao determinar que a liberdade se funda nisso que está velado, e na constante mudança da verdade em sua vigência, o que Heidegger está fazendo é exatamente conferir um lugar privilegiado em seu conceito de verdade para o velado. Isso que estava ausente em toda a metafísica em seu pensar tradicional da verdade. Com o velado, o Dasein vem ao centro do acontecimento da verdade como aquele que desvela. É assim que podemos compreender a crítica formulada por Heidegger à verdade como residindo na proposição (e assim à verdade como concordância, como *orthótes*) que nela a verdade “*se torna uma relação simplesmente dada entre seres simplesmente dados (intellectus et res)*”<sup>46</sup>.

É preciso ter clara a consequência que a idéia do Bem tem para a reflexão sobre o agir humano. A idéia do Bem dá um direcionamento ao homem, um lugar onde procurar os critérios do bem agir, da prudência e da sabedoria. É isso que não está presente no pensamento de Heidegger, que não se afasta do conceito de verdade como *Alétheia*. Não há mais uma causa de tudo, geratriz da luz, da possibilidade da visão. Ali onde a verdade é correção, a ética também vai se centrar na correção dos atos. A mudança do conceito de verdade com Heidegger vai gerar uma ética originária, que por isso tem que ter outro centro.

<sup>43</sup> Id. P. 464.

<sup>44</sup> Id. P. 451.

<sup>45</sup> Que Heidegger parece inclusive propor como a tradução do *eidos* de Platão (Id. P. 451).

<sup>46</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo, Parte I*. Trad. Márcia Cavalcanti. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. P. 294.

Fica assim clara a importância de se buscar pensar a conexão entre verdade e ética. Se Heidegger foi construir seu conceito de verdade através de uma reflexão sobre a alegoria da caverna de Platão, e se lá já está feita esta conexão, somos autorizados então a concluir que esta é uma conexão fundamental para o entendimento do conceito de verdade em Heidegger e, portanto, uma conexão fundamental para seu pensamento.

Ao descobrirmos a ética no conceito heideggeriano de verdade, a descobrimos num dos pontos fundamentais de seu pensamento. É por isso que ao chegar no §44 de *Ser e tempo*, quando Heidegger fala da verdade, ele diz que “na medida em que, de fato, ser ‘correlaciona-se’ com verdade, o fenômeno da verdade, embora não explicitado com esse título, já foi tema das análises anteriores”<sup>47</sup>. Por análises anteriores Heidegger está chamando toda a primeira seção de *Ser e tempo*. A verdade é o que estava em questão desde o início e sendo assim, podemos dizer agora, a ética originária também.

Tendo agora assegurado a fundamentação de nossa questão, nos resta retornar ao problema de como abordar o *êthos* no pensamento de Heidegger. A hipótese que pretendemos aqui defender é a de que o *êthos* é explorado por Heidegger nos textos onde ele fala do habitar. Em um texto já citado anteriormente,<sup>48</sup> Heidegger nos diz que a ética que se guia pela significação fundamental da palavra *êthos* medita o habitar do homem. Ou seja, que a significação da palavra *êthos* é o habitar do homem. É partindo desta pista que Heidegger nos dá que pretendemos utilizar os textos nos quais ele fala do habitar para pensarmos a relação entre verdade e ética no pensamento de Heidegger. Nosso trabalho futuro, então, deve se centrar nos textos sobre verdade e sobre ética além de, é claro, sobre *Ser e tempo*. No momento, no entanto, não podemos senão esboçar um tal trabalho. E, neste esboço, não podemos senão começar por encontrar algo no pensamento de Heidegger sobre o habitar que nos remeta de volta à verdade. Poderemos considerar, então, que encontramos provas suficientes que fundamentam a possibilidade e a pertinência de nossa investigação dentro do horizonte do pensamento de Heidegger.

No começo de nosso trabalho, Heidegger já tinha nos dado a pista de que a ética originária deve pensar o habitar do homem. É somente agora, no entanto,

---

<sup>47</sup> Id. P. 280.

<sup>48</sup> Ver nota 5.

após termos passado pela fundamentação da pertinência da questão da relação entre verdade e ética no pensamento de Heidegger, assim como pela definição da essência da verdade como comportamento e como liberdade, que podemos nos aproximar do habitar de forma responsável e coerente. Responsável porque temos agora o solo no qual este habitar deve ser interrogado, e coerente porque esta interrogação vem como a seqüência que a própria investigação nos impõe, sob pena de sairmos de seu caminho, a partir do questionamento da própria verdade em sua relação com a ética originária como pensamento do habitar do homem.

Num de seus textos sobre o habitar<sup>49</sup>, Heidegger nos diz, e busca esse dizer num poema de Hölderlin, que o homem habita poeticamente. Logo no início do texto ele nos dá alguns elementos importantes para pensarmos essa afirmação. Após descartar as primeiras desconfiças diante da compatibilidade entre poesia e habitar, Heidegger diz que “talvez um suporte o outro, de tal modo que, este, o habitar, no outro, o poético, se sustente”<sup>50</sup>; e depois vai ainda mais além dizendo que “quando Hölderlin fala do habitar, ele mostra o traço fundamental do ser-aí dos homens (des menschlichen Daseins). Ele vê o ‘poético’ a partir do comportamento (Verhältnis) desse habitar compreendido essencialmente”<sup>51</sup>. A partir do que nossa investigação determinou até agora, fica clara a conexão do habitar com a verdade. Esse comportamento que, como vimos, originalmente e a cada vez vem a prevalecer no comportar-se (Verhalten). Aparece, então, novamente o comportamento e, com ele, obrigatoriamente o comportar-se, pois a conexão entre os dois conceitos exige que assim seja, ainda que o texto apenas mencione um deles. Agora, este comportamento aparece como aquilo que suporta<sup>52</sup> esse habitar essencial, poético. Qual seria então a relação entre o habitar e o comportamento? Na resposta a essa pergunta está, sem dúvida, uma das chaves para avançarmos em nossa questão acerca da relação entre a verdade do ser e a ética originária. Mas antes ainda cabe a seguinte pergunta: qual o lugar da poesia aqui?

<sup>49</sup> HEIDEGGER, Martin. “... dichterisch wohnet der mensch...” **in:** *Vorträge und Aufsätze*. Frankfurt am Main: Ed. Vittorio Klosterman, 1967. Teil II. Todas as citações deste texto são feitas a partir do original alemão e com a ajuda da tradução brasileira (HEIDEGGER, Martin. “... poeticamente habita o homem...” **IN:** *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan fogel e Márcia Cavalcante. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002).

<sup>50</sup> Id.

<sup>51</sup> Id. P. 63.

<sup>52</sup> Outra possível tradução do termo alemão *Verhältnis*.

A conexão entre poesia e habitar, e, conseqüentemente, entre o habitar e a verdade, fica mais clara quando tomamos a seguinte afirmação de Heidegger, feita no mesmo texto: “fazer diz o grego *poiesis*”<sup>53</sup>. O fazer nos remete, ainda mais uma vez, aos termos que são tradicionalmente pensados como sendo do campo da ética. Heidegger pensa a ética originária como pensamento sobre o habitar e este, por sua vez, se sustenta no poético. Assim, então, estaríamos autorizados, mais uma vez seguindo o procedimento que vimos o próprio Heidegger tomar em seu texto *Da essência da verdade*, a tomar o poético como a essência do habitar. Ali onde Heidegger vê a ética originária ele vê a poética. Uma outra hipótese de trabalho, então, seria formulada da seguinte maneira: a ética originária deve ser pensada junto com a poética. Devemos buscar no pensamento heideggeriano da poesia mais um ponto de apoio em nossa tentativa de pensar a ética originária em Heidegger.

No que diz respeito à conexão entre o habitar e a verdade, é em outra afirmação de Heidegger acerca da poesia que devemos buscar amparo. Heidegger diz que a poesia “é instauração, instituição em ato do que vigora”<sup>54</sup>, e depois a conceitua como “instauração do ser”<sup>55</sup>. Isso que vigora, o ser, são os poetas que o instauram. Se a verdade é o desvelamento do ser, então podemos pensar que esse ser que a verdade desvela são os poetas que o instauram. Temos, no entanto, de tomar cuidado quando dizemos que são os poetas que o instauram. Heidegger chama o poetizar *Dichten*, e sobre isto ele nos diz:

“Apenas após o XIII século o uso da palavra *dichten* foi reservada à composição de construções língüageiras que nós chamamos ‘poéticas’ (*poetisch*), que nós chamamos desde então de ‘poesias’ (*Dichtungen*). De início, o poetizar (*das Dichten*) não tem nenhuma relação privilegiada com o poético (*das Poetische*).”<sup>56</sup>

O que Heidegger nos diz aqui é que não podemos pensar o poetizar como uma atividade restrita aos poetas. Mas ele não diz só isso. Ele diz também que nem todo poeta poetiza. Não basta que se trate de uma construção língüageira poética. Quando Heidegger nos diz que o poetizar não tem nenhuma relação

<sup>53</sup> Id. P. 62.

<sup>54</sup> HEIDEGGER, Martin. *Les Hymnes de Hölderlin: La Germanie et Le Rhin*. Paris: Ed. Gallimard, 1988.

<sup>55</sup> Id.

<sup>56</sup> Id. P. 40.

privilegiada com o poético ele nos diz, de uma só vez, que o poético pode ser um poetizar mas que não é absolutamente garantido que todo poético seja um poetizar. É desse poetizar, *das Dichten*, que se trata quando Heidegger fala do habitar do homem. Ele nos diz: *dichterisch wohnet der mensch*. Ou seja, poeticamente, poetizando, no poetizar, habita o homem. Nesse poetizar que instaura o ser, que instaura isso que vigora. A verdade, então, só pode desvelar esse ser que o habitar instaurou nesse comportamento que também é um suportar (duas traduções possíveis para o termo alemão *Verhältnis*). Fica clara então a conexão entre a verdade e o habitar, e portanto entre a verdade e a ética originária. A ética originária lida exatamente com a instauração do ser que a verdade revela.

Uma vez que encontramos o comportamento, e nesse encontro fomos levados a investigar a essência do habitar, qual seja, o poetizar, ainda nos resta encontrar no habitar o segundo termo que é tradicionalmente pensado como sendo do campo da ética e que Heidegger pensa junto com a verdade: a liberdade. Como mostramos anteriormente, a condição de possibilidade da liberdade é o velado, não sendo nunca demais ressaltar que tanto a liberdade quanto o velado são, em momentos diferentes do texto *Sobre a essência da verdade*, também já citado aqui, tidos como a essência da verdade. Mas teria o habitar alguma relação com o desvelado? Em breve ficará claro que no habitar não se trata senão de desvelamento e velamento. Heidegger nos diz que “na poesia acontece a tomada de uma medida. O poético é no sentido forte da palavra uma tomada de medida compreendida (*verstandene Maß-Nahme*), através da qual o homem pela primeira vez recebe a medida para a vastidão de sua essência”<sup>57</sup>. Aparece aqui novamente a medida, que já havíamos visto anteriormente quando investigávamos a verdade. Lá, se tratava do Dasein tomar para si a medida previamente dada para que ele apresentasse o ente tal como ele é. No habitar se trata deste mesmo movimento, de forma ainda mais radical. Heidegger fala de uma tomada de medida compreendida que daria ao homem a medida para a vastidão de sua essência. Como compreender isto?

No poema, Heidegger nos mostra que Hölderlin coloca Deus, que aparece como o céu, como a medida do homem. Mas uma medida um tanto quanto curiosa, pois ela se mantém oculta, desconhecida. Como pode aquilo que se mantém desconhecido ser medida? É então que ele diz: “A medida consiste (*besteht in*) no

<sup>57</sup> HEIDEGGER, Martin. “... dichterisch wohnet der mensch...” in: *Vorträge und Aufsätze*. Frankfurt am Main: Ed. Vittorio Klosterman, 1967. Teil II. P. 70.

modo como o desconhecido [bleibende] Deus *como tal* através do céu se torna manifesto. O aparecer de Deus através do céu consiste em um desocultamento (Enthüllen) que deixa ver o que se encobre”<sup>58</sup>. Assim, o habitar poético é aquele que, tomando a medida de forma compreendida, tem uma relação com o manifesto, com o aberto, em seu preservar do velado, do oculto. Em outras palavras, tomando a medida ele se relaciona com a verdade, com o desvelado, em seu conservar, em seu resguardar, do velado. Mas em que sentido podemos dizer que neste habitar poético o homem recebe a medida para a vastidão de sua essência? No habitar poético o homem se relaciona com o velado através do desvelado, mantendo assim a diferença e se implicando na construção, na abertura instauradora, do mundo. Ele fica, então, lançado diante da vastidão de sua essência.

Ao mesmo tempo, fica clara, então, a impossibilidade de pensar o habitar como precedendo a verdade. Em nossa investigação da essência do habitar como poetizar, descobrimos que é no poetizar, no habitar, que o ser se instaura. Poderíamos, então, ingenuamente, pensar a verdade como um momento que apenas é possível depois do habitar. Mas uma tal hipótese partiria do princípio que o Dasein habita um lugar no qual o ser ainda não foi instaurado. Como seria isso possível? Ali onde não há ser, há Dasein? Todo habitar é habitar já de um lugar, um espaço, uma região, previamente aberta, desvelada para o Dasein. Esse desvelar, no entanto, já é a própria verdade. Assim, a verdade é igualmente necessária para que o habitar possa se dar. O dasein sempre habita uma verdade, um desvelado. Mas é exatamente porque esse desvelado não é tudo, ou seja, é exatamente porque existe o velado, que o habitar é também construção e instauração, instituição do novo. É porque há o velado que o Dasein é, a rigor, livre para instaurar uma nova época do ser. O Dasein habita a verdade, e este habitar traz em sua essência a possibilidade da instauração do ser, ou seja, da mudança dessa verdade mesma que o Dasein habita. Essa possibilidade é sempre aberta ao habitar próprio, ao habitar não impessoal, e, portanto, não cotidiano, do Dasein.

Num primeiro momento, e de maneira ainda muito preliminar, poderíamos defender a ética originária como se diferenciando da ética tradicional exatamente em seu levar em conta do velado. Nesse levar em conta, o Dasein, habitante da verdade, traz o velado *como velado* para o seu habitar. Poderíamos então afirmar,

---

<sup>58</sup> Id. P. 71.

e nunca ressaltaremos suficientemente o caráter preliminar dessa afirmação, que a ética originária é uma ética da verdade, e, portanto, uma *ética do velado*. Essa ética originária é também, e ao mesmo tempo, *poética*. Ela é poética porque traz ao Dasein sempre a dimensão da possibilidade da instauração de ser, de um novo que vigora. Ao Dasein é sempre possível a instauração do novo porque em seu habitar da verdade ele sempre está em relação com o velado. Que isso valha apenas para a existência própria é uma objeção que não se sustenta. A existência do Dasein é sempre sua, e nesse sentido a dimensão da propriedade é sempre prévia à impropriedade. O Dasein pode se entregar ao impessoal, mas não só essa entrega é feita propriamente como ela nunca pode ser total. O outro nunca pode ser o Dasein, assim como o Dasein nunca pode ser o outro. Esse é o sentido da existência do Dasein como sempre sua.

Não obstante o caráter hipotético desta última parte de nosso trabalho, acreditamos ter ido longe o suficiente para que nosso trabalho preliminar possa ser dado como terminado. Tendo, assim, apontado para essa conexão entre o pensamento de Heidegger sobre a verdade e o habitar, qual seja, o papel destacado, diríamos mesmo privilegiado, dado em ambos os casos ao comportamento, ao desvelado e ao velado, e, portanto, à liberdade, termos que são pensados tradicionalmente como pertencendo ao campo da ética. Assim, encontramos no próprio pensamento de Heidegger indicações mais do que seguras que não apenas fundamentam nossa questão em sua possibilidade e pertinência, mas apontam mesmo no sentido de sua necessidade. O que encontramos é a conexão entre a verdade e a ética originária, o habitar do homem, feita de forma tão fundamental no pensamento de Heidegger, que o seu estudo se torna mesmo uma necessidade para uma compreensão responsável do autor.

Nossa investigação, no entanto, apresenta ainda uma falha. Esta consiste em termos passado pelo que talvez seja a grande obra de Heidegger, *Ser e Tempo*, sem nos dedicarmos pausadamente nem sequer a um capítulo. Assim, termos como propriedade e impropriedade ainda têm necessariamente, para nós, um caráter vago e muito incerto. Uma vez tendo terminado nosso trabalho preliminar, podemos agora nos deter no que *Ser e Tempo* pode nos trazer de vital para a melhor compreensão de nossa questão.